

ARTIGO

Roceiros e fazendeiros: hierarquia na agricultura de Mariana da primeira metade do século XIX

Francisco Eduardo de Andrade
Professor do Departamento de História da UFOP

Desde os trabalhos de Roberto Martins, no início dos anos 80, a economia e a sociedade das Gerais do século XIX vêm sendo objeto de estudos inovadores. Tais estudos procuram fundamentalmente destacar o vigor econômico das atividades agropecuárias que teriam se desenvolvido após, ou melhor, em consonância com o auge da mineração do ouro no Setecentos.¹

Com o instigante debate ocorrido a partir dos trabalhos de Martins, a história mineira do Oitocentos, antes relegada a segundo plano pelo "brilho" aurífero de Minas do século XVIII, passou a despertar o interesse e a curiosidade dos pesquisadores. Não vamos ficar presos ao debate e nem arrolar as posições de cada um dos estudiosos que polemizaram com Martins, por acreditamos que elas sejam bastante conhecidas.² Basicamente, esses estudiosos procuraram definir os traços constitutivos essenciais da economia e da sociedade predominantemente agrícola de Minas Gerais do Oitocentos. Para isto, é bom ressaltar, tiveram que considerar as possíveis articulações/desarticulações sócio-econômicas entre Minas e as outras regiões do país.

Perseguimos o mesmo objetivo, mas centrando nossa investigação em grupos sócio-econômicos mais estritos, conformadores de uma determinada região, que, no nosso entender, permite análises aprofundadas, "mergulhos" no substrato social capazes de iluminar o que parecia obscuro nos enfoques de maior amplitude social e/ou geográfica.³

¹ LIBBY, 1988, p. 11. Sobre os antecedentes setecentistas da economia agrícola e pastoril das Gerais, ver por exemplo: HOLANDA, Sérgio Buarque de, 4 ed., t. II, 1977, pp. 293-234.

² As interpretações de Roberto Martins sobre a economia provincial mineira foi criticada no Brasil e nos Estados Unidos. Luna e Cano, Slenes, Libby, entre outros economistas e historiadores, contribuíram para este debate. - Cf. PAIVA & KLEIN, 1992, pp. 130-132.

³ Cf. CARDOSO, 1979, pp. 75-77. Consideramos os trabalhos dos estudiosos participantes da controvérsia iniciada por Martins como referentes a espaços sociais e geográficos mais amplos. Neste sentido, é nossa intenção checar algumas de suas hipóteses e interpretações do caráter da economia provincial de Minas Gerais

Pois bem, algumas comunidades agrárias do município de Mariana do século XIX foram alvo de pesquisas "verticalizadas" como as que nós mencionamos.

1. A "acomodação evolutiva" na economia da região do município de Mariana:

A região de Mariana é privilegiada para pesquisas, como as nossas, que procuram caracterizar a economia e a sociedade mineiras, no Oitocentos, com a disseminação e o vigor econômico das atividades agropecuárias. Herdeiro de uma intensa exploração mineratória, o município de Mariana é um *locus* que apresenta os elementos sociais e econômicos característicos da economia agrícola de subsistência no século XIX. Temos, assim, um processo econômico e social, centrado fundamentalmente nas atividades agropecuárias, que resultou de uma "acomodação evolutiva" forjada no interior da economia mineradora dos Setecentos.⁴

Detentor da maior população de pessoas livres e com a segunda maior concentração de escravos de Minas Gerais (perdia somente para São João del Rei), no segundo quartel do século passado, o município de Mariana, no coração das Gerais, não se enquadra facilmente na idéia de estagnação ou decadência econômica.⁵

Na realidade, não seria correto pensarmos em uma articulação/desarticulação entre a mineração e agricultura, nas Gerais, como um processo linear que começa com a interdependência econômica entre ambas no século XVIII (no que concordam a maioria dos historiadores) e termina com a agonia mineratória e a estrita vida agropastoril dos habitantes no século XIX. Não somos adeptos deste esquematismo. Robert Slenes, relativizando a tão enfatizada decadência da mineração, já chamou a atenção para o fato de que a produção aurífera e de pedras preciosas do Oitocentos devia ser maior do que se imagina. Além disso, cumpre lembrar, de acordo com as evidências reunidas por Libby, que se extraía minério de ferro das imensas reservas minerais das Gerais desde meados do século XVIII, intensificando no século seguinte. Portanto, estaríamos mais próximos da verdade se considerarmos que o declínio da mineração não foi tão acentuado ou generalizado quanto se pensa.⁶

⁴ Conforme nos propõe LIBBY, 1988, pp 19-22

⁵ Calcula-se, para o município de Mariana, uma população de 37.020 indivíduos livres e 20.673 escravos na década de 1830 - Cf. PAIVA & GODOY, 1992, p. 38

⁶ SLENES, 1985 pp 4-80; LIBBY, 1988, pp 134-147

Com efeito, observa-se no município de Mariana da primeira metade do Oitocentos, não uma estruturação, simultânea em todos os lugares, do "predomínio" das atividades agrícolas (e vinculados a estas, dos trabalhos artesanais), mas um processo mais complexo no qual a agricultura convivia com uma insistente mineração de ouro e pedras preciosas (sem falar da ampla produção ferrífera, verificada nas inúmeras forjas domésticas).

Dependendo da localização geográfica e das condições ecológicas específicas dos núcleos de habitantes, diferenciavam-se o peso da herança mineradora e as possibilidades econômicas da prática de atividades agropecuárias.⁷

Tudo indica que condições geográficas, históricas e econômicas distintas, então observadas em algumas das comunidades da região de Mariana, estão na raiz do processo complexo e diversificado de estruturação/reestruturação da economia agrícola de subsistência no século XIX. Esse processo pode ser rastreado quando confrontamos, em um recorte condizente com as suposições mencionadas acima, os perfis econômicos e sociais das freguesias de São Caetano, Furquim, Catas Altas do Mato Dentro e da povoação de Nossa Senhora dos Remédios.⁸

Até a década de 30 do Oitocentos estes núcleos de habitantes integravam o termo da cidade de Mariana. São Caetano, Furquim e Catas Altas foram centros mineradores importantes, conhecidos desde inícios do século XVIII, enquanto que em Remédios, desde a fundação na segunda metade do século do ouro, a agricultura dominava quase que completamente o cenário econômico local.

As paróquias de São Caetano e Furquim ficavam no leste florestal do município, e experimentavam, nas primeiras décadas do século XIX, um processo adiantado e "terminal" de reordenamento econômico centrado nas atividades agrícolas.⁹

⁷ É o que, de certo modo, se mostra evidente nas pesquisas de Iraci del Nero da Costa COSTA, 1981, pp 175-194.

⁸ Para determinar o perfil econômico e social das comunidades, baseamo-nos nas listas nominativas de habitantes de 1821/22 das freguesias de São Caetano Furquim e Catas Altas do Mato Dentro e da relação de habitantes de 1819 do distrito de Nossa Senhora dos Remédios, existentes no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana, e em inventários *post-mortem* de indivíduos livres donos de unidades produtivas, que constavam nas listas, conservados no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana. Para compor o quadro geográfico e histórico das diversas localidades recorreu-se aos relatos de viajantes, corografias e alguns mapas do Arquivo Público Mineiro e fontes primárias impressas na Revista do Arquivo Público Mineiro (RAPM).

⁹ Centrando nossa atenção no eixo agricultura-mineração, percebe-se que, em São Caetano, das pessoas com ocupações selecionadas por nós segundo critérios de frequência e grau de explicitação do conteúdo, 63,9% diziam ocupar-se da agricultura e

No Oitocentos, a paróquia de Catas Altas do Mato Dentro, nordeste da cidade de Mariana, era rota obrigatória de passagem de tropas e viajantes que seguiam na estrada que fazia a ligação entre Vila Rica/Ouro Preto e as vilas diamantíferas e algodoeiras da comarca do Serro Frio, o que beneficiou o comércio da área paroquial. O solo e subsolo favoreciam a persistência das atividades mineratórias, e a existência de alguma mata e de campos artificiais resultantes da destruição da cobertura vegetal original pôde garantir a prática de atividades agropastoris.¹⁰

Quanto ao arraial de Nossa Senhora dos Remédios, situado em terras da paróquia de Barbacena, ao sul de Mariana, a agricultura de subsistência, mercantilizada ou não, era claramente predominante. Não existiam mineradores na povoação na segunda década do século XIX. Muito possivelmente, alguns de seus habitantes aproveitavam a proximidade com o movimentado Caminho Novo (estrada de ligação entre Vila Rica/Ouro Preto e o Rio de Janeiro) para integrar-se aos fluxos comerciais intra ou extra-provinciais.

Vejamos como se caracterizavam as comunidades agrárias desses lugares.

2. Características sociais e econômicas da organização agrícola da Gerais.

Nas listas nominativas de habitantes de 1819/22 das localidades enfocadas na pesquisa, pode-se distinguir, na agricultura, dois grupos de ocupações econômicas mais mencionadas para os indivíduos livres detentores de unidades produtivas: um que inclui categorias ocupacionais específicas de não-proprietários ou de proprietários de pequenos e médio plantéis de escravos (entre 1 e 10 cativos) - *roceiro* ou simplesmente *roça* em São Caetano, Furquim e Remédios¹¹ e

13,6% ligavam-se à mineração. Em Furquim, 45,3% das pessoas com ocupações selecionadas estavam envolvidas com atividades agropecuárias (e 25,6% dedicavam-se às atividades artesanais), enquanto que no setor econômico da mineração aparecia apenas 3,6% daqueles indivíduos

¹⁰ Observa-se, em Catas Altas, que 8,7% dos livres e 35,4% dos escravos com ocupações selecionadas eram da agricultura e pecuária, 70,1% dos livres e 24,9% dos escravos dedicavam-se ao artesanato, 9,5% dos livres e 0,8% dos cativos trabalhavam no comércio (e no transporte de mercadorias), e na mineração encontramos 10,3% de pessoas livres e 30,7% dos escravos

¹¹ Dentre os chefes de domicílio com estas ocupações, 32,1% em São Caetano, 59,6% em Furquim e 52,7% em Remédios não eram proprietários de escravos. Chefes de domicílio possuidores de 1 a 10 cativos, 53,1% em São Caetano, 38,1% em Furquim e 38,0% em Remédios.

agricultor ou *agricultura* em Catas Altas.¹² O outro grupo econômico-social inclui ocupações que se referiam geralmente aos donos de 11 ou mais escravos - agricultor em Furquim e criador-agricultor em Catas Altas.¹³

A partir da distinção econômica e social básica apontada pelas listas de habitantes, entre 1819 e 1822, procuramos operacionalizar nossa análise do setor agrícola da região de Mariana, dividindo-o em dois grupos econômico-sociais: o dos *roceiros* (englobam os não-proprietários de escravos e os proprietários de pequenos e médios plantéis) e o das pessoas que detinham maiores posses, denominadas, na Gerais, de *fazendeiros*¹⁴ (referem-se aos dirigentes de unidades produtivas que possuíam 11 ou mais escravos).

A desigualdade social e econômica entre esses dois grupos, funda-se, primeira e essencialmente, na posse de escravos: em Furquim, por exemplo, os roceiros (85,4% dos chefes de domicílio) detinham apenas 28,7% da escravaria envolvida com as atividades agropecuárias, enquanto que os fazendeiros (14,7% dos chefes de domicílio) eram possuidores de 71,3% dos escravos trabalhadores do setor agrícola. Em Remédios, observa-se uma marcante concentração de propriedade de escravos: 14 fazendeiros - 10,7% dos chefes de domicílio - detinham 286 escravos, ou seja, 60,1% da escravaria alocada na agricultura.

Em todos os núcleos de habitantes, os homens dominavam a agricultura e a pecuária. Mas entre os roceiros, as mulheres tinham maior representação. Podemos mencionar Catas Altas, onde o grupo feminino perfazia 20% dos roceiros e apenas 8,3% dos fazendeiros.

Os roceiros não-proprietários de escravos eram, na maioria das vezes, gente de cor (exceto em Remédios, onde os indivíduos brancos predominavam em todas as faixas de tamanho de propriedade de escravos). Em todos os lugares havia uma nítida relação entre cor e

¹² Dentre os dirigentes de unidades produtivas de Catas Altas envolvidos com esta ocupação/atividade econômica, 25,0% não eram proprietários de escravos e 60,0% possuíam entre 1 a 10 cativos.

¹³ Todos os agricultores dirigentes de unidades produtivas de Furquim, por exemplo, eram escravistas. Destes, 59,4% possuíam 11 ou mais escravos (86,2% dos escravos ligados à ocupação de agricultor(a) estavam nesta faixa de tamanho de propriedade de escravos). Em Catas Altas, não era a maior parte dos criadores-agricultores que possuíam mais de 10 escravos (45,5%), no entanto, eram estes que detinham a grande maioria da escravaria ligada à categoria ocupacional (84,3%).

¹⁴ Saint-Hilaire, perto do arraial de Catas Altas no início do Oitocentos, observou que "Entre os mineiros, os homens de maior consideração, são seguramente, os que habitam o campo, e sobretudo, os fazendeiros das zonas auríferas do centro da província". Segundo o viajante, eles eram na maioria brancos e não se envolviam diretamente nas atividades produtivas, apenas comandavam seus escravos - SAINT-HILAIRE, 1975, p. 95

posse de escravos. O caso de Furquim é ilustrativo: enquanto 52,4% dos roceiros eram pardos ou negros (*criolos* ou pretos) e 47,6% eram brancos, apenas 11,9% dos fazendeiros eram pardos e os brancos, neste grupo, apareciam como larga maioria, alcançando o expressivo índice de 88,1%. Não existia, segundo as listas, nenhum fazendeiro negro.

Quanto às idades, observamos que, de maneira geral, os roceiros eram relativamente mais jovens do que os fazendeiros - a maioria dos roceiros de São Caetano, e Furquim e Remédios tinham menos de 44 anos (um número bem significativo, em Remédios, estava na faixa etária entre 30 e 34 anos), ao passo que os fazendeiros de São Caetano e Furquim tinham, na maior parte das vezes, idades superiores a 44 anos (na paróquia de Furquim havia um número expressivo de fazendeiros na faixa etária entre 45 e 49 anos).

Nessas comunidades agrícolas, predominavam as pessoas casadas. Na freguesia de Catas Altas, por exemplo, os casados e viúvos, dentre roceiros e fazendeiros, não ficavam em menos de 80%. Nessas uniões, os cônjuges, na grande maioria das vezes, eram da mesma cor (em Catas Altas, 96,5% dos chefes de família ligados ao setor agrícola estavam casados com mulheres da mesma cor). Os homens, na grande maioria das vezes, uniam-se a mulheres mais jovens (o mais comum era eles não terem mais do que 10 anos, em média, a mais do que suas consortes), sendo que a diferença média de idade entre cônjuges era maior entre os fazendeiros do que entre os roceiros, exceto na paróquia de São Caetano. Nessa localidade, os roceiros eram, em média, 9,6 anos mais velhos do que suas esposas, enquanto a diferença etária média entre os fazendeiros ficava em 7,8 anos. A diferença mais significativa entre os dois grupos, quanto à diferença média de idade entre maridos e mulheres, foi encontrada em Remédios - 7,6 anos no grupo dos roceiros e 12,3 no de fazendeiros.¹⁵

Exceto em Remédios, as famílias (computando-se apenas os indivíduos livres) dos fazendeiros eram maiores do que as dos roceiros. Dentre os lugares investigados, é na paróquia de Furquim que encontramos os maiores núcleos familiares, mais precisamente entre os fazendeiros locais (média de 9,5 pessoas). É bastante provável que isto

¹⁵ Nas características dessas uniões transparece o significado econômico do casamento: uniões de pessoas de mesmo *status* sócio-econômico (expresso na mesma cor) que visa manter ou melhorar as condições de vida dos envolvidos. Além disso, requer equilíbrio entre marido e esposa de capacidades e poderes no âmbito doméstico que compete a cada um, o que talvez seja fruto de menor disparidade entre as idades dos cônjuges, sobretudo entre aqueles indivíduos de menor poder econômico - Cf. MATTOSO, 1993, p.194; Cf. METCALF, 1993, p. 779

seja resultado de uma permanência mais prolongada dos filhos no domicílio dos pais e/ou de uma agregação mais acentuada, em meio de uma maior competição econômica e ecológica nessa sub-região paroquial.

Na povoação de Remédios, conseguimos informações sobre o número médio de filhos (todos solteiros) morando com os pais. Não havia agregados nos domicílios de roceiros e fazendeiros da localidade, sendo bem minoritária as famílias em que aparecem algum parente fora do núcleo familiar composto por pais e filhos. Entre as famílias dos roceiros (grande maioria na comunidade), encontramos uma média de 2,7 filhos e entre as famílias dos fazendeiros o número médio de filhos vivendo com os pais ficou em 2,1. É possível que essa diferença entre o número de filhos esteja relacionado ao fato de que os roceiros, geralmente, integram as faixas de idade nas quais os filhos - solteiros - continuam vivendo com os pais: ou, ainda, que os filhos dos roceiros vivam mais tempo do que os filhos dos fazendeiros na casa dos pais antes de se casarem e constituírem família em outro lugar.

3. Terras e produções mais expressivas.

Em todos os lugares que enfocamos os detentores de maior número de escravos possuíam as maiores propriedades territoriais - em Furquim, por exemplo, enquanto os escravistas de mais de 10 escravos chegavam a possuir, em média, 99,2 alqueires e/ou 1,6 sesmarias, os roceiros detinham apenas 18,8 alqueires.

A quantidade média plantada/colhida de gêneros alimentícios básicos (milho, feijão arroz) era menor nas unidades produtivas dos roceiros - em Furquim a produção destes gêneros nos estabelecimentos dos fazendeiros era mais de vinte vezes superior ao que produziam os roceiros. Mas, há indicações de que, entre os roceiros e fazendeiros de Remédios, a produção de milho, principalmente, era mais expressiva do que em todos os outros lugares. Mesmo na paróquia de São Caetano, onde havia também uma significativa produção de milho e feijão, ela é bem menor do que se produzia no mesmo tipo de unidade agrícola de Remédios - os roceiros deste último lugar produziam mais que o dobro do que produziam de milho os roceiros de São Caetano, enquanto entre os fazendeiros, os de Remédios produziam mais que o dobro do que produziam de milho e feijão seus congêneres de São Caetano.

Os fazendeiros também superavam os roceiros quanto à produção pecuária. Na paróquia de Catas Altas, o tamanho médio dos rebanhos bovino, muar e eqüino, possuídos pelos fazendeiros locais, era o mais significativo dentre as localidades investigadas. Quanto à criação

de porcos, apesar de sua importância, em Catas Altas, na organização produtiva daquelas unidades agropastoris com forte caráter escravista, ela fica aquém do que encontramos nas unidades de produção dos fazendeiros de Remédio.

Muito possivelmente, os fazendeiros mais ricos da região de Mariana eram os que produziam aguardente, rapadura e/ou açúcar, principalmente aqueles que viviam em Ponte Nova (Furquim) e Paulo Moreira (São Caetano). Sabemos que nessas sub-regiões estavam concentrados 42,5% dos engenhos e engenhocas do município de Mariana.

É esclarecedor verificar que a unidade agrícola de um fazendeiro da freguesia de Furquim era a mais valiosa, dentre os fazendeiros das localidades em tela - 13.266\$800 (treze contos, duzentos e sessenta e seis mil, oitocentos réis), ao passo que as unidades produtivas dos fazendeiros de Remédios valiam menos do que as dos outros lugares - 10.855\$200 (dez contos, oitocentos e cinquenta e cinco mil, duzentos réis).¹⁶ Tudo indica que uma mesma distinção de "fortunas" entre as comunidades se observa no grupo dos roceiros.

Não é preciso dizer que as unidades produtivas dos fazendeiros valiam mais do que as dos roceiros. Somente para se ter uma idéia, observa-se que, em Furquim e São Caetano, a unidade de fazendeiro valia, em média, pelo menos cinco vezes mais do que uma unidade de roceiro possuidor de escravos.

¹⁶ Valores médios resultantes da soma dos valores dos bens imóveis por móveis (terras, benfeitorias, equipamentos, ferramentas, cultivos, animais, escravos) que compõem a unidade agrícola e/ou pastoril - Inventários *post-mortem* (1820-1859), Arquivo da Casa Setecentista de Mariana.

4. Considerações finais.

Alguns historiadores exageram na ênfase da "peculiaridade" sócio-econômica de Minas Gerais Oitocentista quando distinguem uma sociedade e economia mineira com traços "igualitários" ou "democráticos". O cenário do espaço agrícola que procuramos desvendar tem outro caráter: o da concentração de escravos e terras; o da desigualdade de poder e riqueza. Alia-se a isto distinções sócio-democráticas relativamente inequívocas de cor, idades, sexo e, em menor grau, de padrões familiares entre fazendeiros e roceiros.

O "complexo agrícola camponês", constituído por não-proprietários ou pequenos proprietários de escravos, deve ser redimensionado para incluir, no horizonte sócio-econômico da Gerais, os escravistas mais poderosos. É certo que para dar conta do caráter da economia agropastoril do Oitocentos faz-se necessário pensar este grupo de homens enriquecidos como agentes econômicos e dominadores políticos. Mas, percebemos diferenças entre as sub-regiões do município de Mariana: nas paróquias de Furquim e São Caetano (que incluíam, em região canavieira, os núcleos populacionais de Ponte Nova e Paulo Moreira), principalmente, há uma presença bem mais expressiva de fazendeiros do que em Remédios.¹⁷

Vislumbra-se, além disso, uma relativa especialização "regional" da produção que tendia ao mercado, abrindo-se diferentes possibilidades sócio-econômicas para os habitantes dos diversos lugares, em que pese a generalizada diversificação das atividades produtivas nas unidades agropecuárias. Muito provavelmente, esse processo econômico resulta da diversidade geográfica e ecológica da extensa região do Termo de Mariana cuja influência sobre as atividades agropecuárias da época era determinante. Vale notar ainda que as comunidades pesquisadas, localizadas limitrofes da comarca de Vila Rica/Ouro Preto, revelam, talvez, as especificidades produtivas e econômicas das comarcas adjacentes (em Catas Altas ecoa o pastoreio da comarca do Rio das Velhas e o mesmo se pode pensar para produção de milho e criação de porcos em Remédios, fronteira à comarca do Rio das Mortes).

Esta especialização da produção indica, por si só, que existiam vínculos comerciais necessários entre as comunidades. Comporia, então, um "mercado local" ou "vicinal" o município de Mariana ou a

¹⁷ Cf. LIBBY, 1988, p. 124; Cf. LEWKOWICZ, 1992, pp. 8-11; FRAGOSO, p. 147. Pelo menos nos grupos agrários das localidades em tela, não "eram os 'senhores de três a cinco cativos que detinham a maior parte da escravaria mineira", como quis João Luis Ribeiro Fragoso - FRAGOSO, 1992, p. 147.

comarca de Vila Rica/Ouro Preto? Se respondermos afirmativamente teremos que admitir que havia algumas "brechas" neste mercado, já que a comunidade de Catas Altas devia ter contatos comerciais com a comarca do Serro Frio e com a comarca do Rio das Velhas. Remédios se ligava à Barbacena (e possivelmente aos fluxos comerciais do *caminho novo*) e Furquim tinha tropeiro especializado em organizar tropas para o Rio de Janeiro. De qualquer forma, acreditamos que devemos primeiro definir precisamente o que eram os mercados locais ou "regionais" (a área em torno de um arraial ou de uma freguesia, uma região municipal ou o território de uma comarca?).

Bibliografia.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- COSTA, Iraci del Nero da. *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX*. São Paulo: FIEP/USP, 1981.
- FRAGOSO, João Luis Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na Praça Mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Metais e pedras preciosas". in: *História Geral da Civilização Brasileira*. 4ª ed., vol. 2, t. II. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.
- LEWKOWICZ, Ida. *Vida em família: caminhos da igualdade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo, 1992. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da USP.
- LIBBY, Douglas C. "Historiografia e a formação social escravista mineira". *Acervo*, vol. 3, n. 1. Rio de Janeiro, jan-jun 1988.
- _____. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- METCALF, Alida C. "Recursos e estruturas familiares no século XVIII, em Ubatuba, Brasil". *Estudos econômicos*, vol. 13, n. especial, 1983.

- PAIVA, Clotilde Andrade & GODOY, Marcelo M. "Engenhos e casas de negócios na Minas Oitocentista", in: *Anais/VI Seminário sobre a economia mineira*. Belo Horizonte. CEDEPLAR/UFMG, 1992.
- PAIVA, Clotilde Andrade & KLEIN, Herbert S. "Escravos e livres nas Minas Gerais do século XIX: Campanha em 1831", in: *estudos econômicos*, vol. 22, n. 1. São Paulo: FIPE/USP, 1992.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia/Editora da USP, 1975.
- SLENES, Robert W. "Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX", *Cadernos IFCH/UNICAMP*, n. 17, jun. de 1985.